

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias_debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Bioeconomia pode salvar a Amazônia

Ideia é transformar recursos naturais em produtos de maior valor agregado

Luís Roberto Barroso e Patrícia Perrone Campos Mello

Ministro do Supremo Tribunal Federal e professora de direito constitucional, ambos elaboraram estudo sobre o tema, que seria apresentado em abril em Congresso da ONU em Kyoto, no Japão, mas foi adiado em razão da pandemia de Covid-19

A Amazônia ocupa uma área correspondente a cerca de 40% da América do Sul. A região, de densa floresta tropical, espalha-se por nove países, mas 60% de sua extensão situa-se no Brasil. Na Amazônia legal brasileira, vivem 27 milhões de pessoas. A região desempenha um papel de grande relevância por três razões principais: a extraordinária biodiversidade, constituindo a maior concentração de plantas, animais, fungos, bactérias e algas da Terra; o papel no ciclo da água e no regime de chuvas, com implicações por todo o continente sul-americano; e a função de grande significância na mitigação do aquecimento global, absorvendo e armazenando dióxido de carbono.

Entre 1970 e 1990, 7,4% da floresta foram desmatados. O desflorestamento atingiu seu ápice em 2004, alcançando uma área equivalente a 27.772 km². Nesse ano de 2004, foi deflagrado um ambicioso programa, com medidas que incluíram monitoramento, fiscalização efetiva e combate à grilagem. Os resultados foram notáveis: entre 2004 e 2012, o desmatamento caiu mais de 80%, passando para menos de 4.600 km². Lamentavelmente, contudo, a partir de 2013 o desmatamento voltou a crescer, chegando a 7.536 km² em 2018. No ano de 2019, atingiu quase 10 mil km² e, neste ano, a perspectiva não é melhor.

Organizações ambientais, defensores da floresta e cientistas atribuíram o incremento ao governo, apontando declarações públicas de altas autoridades que sinalizaram desinteresse pela questão ambiental, associadas a atos concretos que implicaram uma substancial alteração das políticas públicas necessárias à prevenção e ao controle do desmatamento. O desgas-

te internacional do país foi imenso.

A destruição e degradação da floresta amazônica decorrem, sobretudo, de atividades criminosas, como: desmatamento e queimadas (sendo a pecuária o principal agente de desmatamento); extração e comércio ilegal de madeira; e garimpo e mineração ilegais.

Ao longo do tempo, a Amazônia experimentou atividades econômicas de baixo impacto ambiental (como produção de açaí, babaçu, borracha, castanha do Brasil) e de alto impacto (como agronegócio, extração de madeira e mineração). Tentou-se um modelo híbrido, que também não foi capaz de conter o desmatamento.

Diante desse quadro, cientistas dedicados ao estudo da Amazônia

têm procurado desenvolver novas ideias para velhos desafios, apostando em novas tecnologias. A bioeconomia é um modelo econômico que prioriza a sustentabilidade. A ideia é transformar os recursos naturais em produtos de maior valor agregado, gerados e consumidos de forma sustentável.

A aplicação desse modelo à Amazônia tem sido defendida pelo climatologista Carlos Nobre e pelo Instituto Socioambiental, entre outros. A bioeconomia da floresta consiste em utilizar o conhecimento propiciado pelas ciências para a elaboração de novos produtos farmacêuticos, cosméticos e alimentícios, bem como para a pesquisa de novos materiais e soluções energéticas. Exemplo: as plantas da Amazônia contêm segredos bioquímicos, como novas moléculas, enzimas, antibióticos e fungicidas naturais, que podem ser sintetizados em laboratório e resultar em produtos de valor agregado.

Em suma: a maior proteção contra a destruição da floresta é que haja maior racionalidade econômica em preservá-la do que em destruí-la, quer porque a sua preservação gera renda para a população, quer porque gera resultados econômicos substanciais — ou, ainda, porque gera avanços biotecnológicos que aproveitam a toda a humanidade.

Existente uma lógica econômica social na devastação da floresta. É uma lógica perversa, mas poderosa. Para que ela seja derrotada, é necessário um modelo alternativo consistente, capaz de trazer desenvolvimento sustentável, segurança humana e apoio da cidadania. A ignorância, a necessidade e a omissão estatal são os inimigos da Amazônia. A ciência, a inclusão social e a conscientização da sociedade serão a sua salvação.

[...]

Existente uma lógica econômica e social na devastação da floresta. É uma lógica perversa, mas poderosa. Para que ela seja derrotada, é necessário um modelo alternativo consistente, capaz de trazer desenvolvimento sustentável, segurança humana e apoio da cidadania. A ignorância, a necessidade e a omissão estatal são os inimigos da Amazônia

O plano de volta às aulas não tem professor

Nossas vidas, nosso bem-estar, também estão em jogo nesse retorno

Celso Napolitano

Presidente da Federação dos Professores do Estado de São Paulo (Fepesp)

Voltar às aulas quando ainda não chegamos ao auge da pandemia será uma decisão irresponsável, certamente induzida por motivação política, e não por critérios de saúde.

Ao se planejar o retorno, os profissionais de educação devem ser ouvidos, devem participar na elaboração de protocolos de acolhimento, já que estamos na linha de frente da educação.

Não bastam critérios para a recepção de alunos nas escolas. Os seus pais e também os educadores devem ser ouvidos — e iremos ampliar o debate e até levar o caso ao Ministério Público se a suspensão de aulas for relaxada antes que se tenha o controle do novo coronavírus.

No plano do estado de São Paulo, apresentado na última quarta-feira (24), apenas os donos de escolas foram consultados. Nenhum professor, nenhum funcionário administrativo participou do planejamento até agora. A pedagogia e as relações de trabalho foram deixadas em segundo plano. Os docentes estarão expostos: mesmo o cálculo de 35% de alunas na primeira fase do retorno iria obrigar o professor a 100% de participação.

Durante os três meses em que tem durado este período de suspensão de aulas, professoras e professores foram submetidos a um brutal excesso de trabalho. Para evitar o contágio e disseminação do vírus, a receita do afastamento social obrigou o fechamento das escolas e a reco-

mendação de que todos ficassem em casa. Mas, ao contrário de muitos profissionais que interrompem seu trabalho quando confinados, professores foram instados a continuar trabalhando, continuando dando aulas, do jeito que desse, e com resultados preocupantes.

Em função dos decretos de quarentena, os professores foram abruptamente transferidos para o regime de teletrabalho ou home office. Essa mudança, de uma hora para outra, provocou uma alteração radical do planejamento pedagógico, pois a atividade docente realizada de modo presencial é substancialmente diferente daque-

[...]

As educadoras, os educadores e os profissionais de educação não foram devidamente consultados quando se decretou a suspensão de aulas e, agora, não estão sendo levados em consideração quando se fala em relaxar a quarentena

la exercida em ambiente virtual.

Assim, é preciso notar que o que está sendo feito durante esta quarentena não é, tecnicamente, "ensino a distância". O que temos agora são "aulas a distância". Simplesmente, em um intervalo curtíssimo de tempo, os professores tiveram que alterar todo o seu planejamento e adaptar-se ao ambiente virtual, com todas as consequências que isso representa: falta absoluta de controle sobre o grupo de alunos, planejamento e roteiro das aulas e transformá-las em videaulas, lidar com equipamentos tecnológicos e adaptar o ambiente de suas residências em "estúdios" de transmissão ou de gravação — uma verdadeira invasão no ambiente doméstico, em um momento em que suas famílias também estavam submetidas ao isolamento social.

Colaboramos até agora. As educadoras, os educadores e os profissionais de educação não foram devidamente consultados quando se decretou a suspensão de aulas e, agora, não estão sendo levados em consideração quando se fala em relaxar a quarentena. Os educadores são os elementos principais desta relação e nesse acolhimento no retorno às aulas. Nós, profissionais da educação, também temos que participar desse acolhimento. E temos também que ter nossa opinião levada em consideração e ser respeitada.

As nossas vidas, o nosso bem-estar, também estão em jogo.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Painel do Leitor, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

#UseAmarelo pela Democracia

A Primeira Página da Folha valeu pelos mais de 40 anos nos quais me acostumei a fazer dela uma leitura diária obrigatória. O editorial "Democracia, nunca menos" (28/6) mostra não só vigor na decisão de defender a democracia, mas também a humildade de reconhecer que errou ao apoiar o golpe militar no primeiro momento. A Folha mais uma vez se agiganta. Parabéns por adotar o slogan "Um jornal a serviço da democracia" até as eleições de 2022. Somente reforça a convicção de que não dá para não ler a Folha.

José Elias Alex Neto (Foz do Iguaçu, PR)

Parabéns e obrigado Folha por seu engajamento na defesa da nossa democracia. Cabe agora a todos nós a tarefa de colocar a democracia a serviço da redução das nossas desigualdades para que seja ainda mais valorizada e preservada.

Odezd Grajew (São Paulo, SP)

Para parte da população, democracia é respeito à Constituição e às instituições. Já a ultradireita vê a "democracia" como o combate aos "comunistas", mesmo que isso implique o fechamento do Congresso e do STF e militares no poder. Os setores mais progressistas entendem que, além de respeitar a Constituição e preservar as instituições, é preciso o combate efetivo às desigualdades sociais e a todas as formas de discriminação. Qual democracia defendemos?

Zoraide Inês Faustino da Silva (São Paulo, SP)

A Folha, mais uma vez, cumpre o seu papel de órgão de informação leal à defesa dos interesses coletivos. Opta pelos fatos, não pelas versões. E diante deles, alerta para que tempos sombrios não aconteçam de novo. Imprensa existe para governados, não para governantes.

Ricardo Viveiros, jornalista e escritor (São Paulo, SP)

Patética essa tentativa da Folha de reeditar (como farsa, talvez) a campanha das Diretas contra uma imaginária ditadura Bolsonaro. Isso num momento em que os maiores ataques à democracia e às liberdades vêm de um STF que se transformou num tribunal de exceção, com seu inquérito inquérito ilegal, que viola os princípios do juiz natural e do devido processo legal, intimida e prende críticos, inclusive jornalistas, tudo com a conivência cínica e covarde da Folha e de outros veículos da grande mídia. Quanta hipocrisia.

Jorge Alberto de Oliveira Marum (Piedade, SP)

Elogiável o trabalho editorial acerca do legado da ditadura militar. Merece atenção, em especial, o artigo de Fernanda Mena "Regime impregna polícia com valores e métodos repressivos". Faltou dizer que tais métodos também invadiram parte do pensamento e atuação das instituições judiciárias, como o ministério público e magistratura da época, com ainda forte herança atual.

Oscar Mellini Filho (Campinas, SP)

Arrojada, necessária, imprescindível, apenas alguns adjetivos a desabrida posição da Folha em defesa da democracia em nosso país. Fábio Zanini, Bruno Boghosian, Igor Gielow, Laura Mattos, Fernanda Mena, Elio Gaspari, entre outros, avivam a memória dos brasileiros dos tempos da terrível ditadura no Brasil. Parabéns, Folha. Não é a toa que a Folha cresce cada vez mais, preponderantemente quando mais se precisa que cresce.

Gésner Batista (Rio Claro, SP)

O caderno "O que foi a ditadura" e o curso online sobre o mesmo assunto são históricos e fazem muito bem ao nosso país. Parabéns, Folha, pela brilhante iniciativa.

Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (São Paulo, SP)

Ministério da Educação

De início, tivemos um ministro da Educação não tão insignificante cujo nome não foi possível guardar; em seguida, um "cábio"; por último, um plagiário. Era só o que faltava.

Erasmu Valladão, professor associado de direito comercial da Faculdade de Direito da USP

Ombudsman

Gosto muito da Flávia Lima, mas mandou muito mal em "Debochada ou homofóbica" (Ombudsman, 28/6). Tratou de passar pano na abordagem equivocada a respeito do secretário da Cultura. Colocar a questão pessoal acima de fatos ou ideias. Em resumo, a matéria se justifica pelo presunção de isenção do jornal e culpa do governo. Faltou imperativo categórico: seria apropriada se o jornal fosse X e o governante, Y?

Maurício Molan (São Paulo, SP)



Pelo visto a foto foi um tiro certeiro, ambivalência, fala-se e não fala, diz tudo e nada.

Antônio João da Silva (Brasília, DF)

Websuruba

Lamentável. Na contramão da luta contra a pornografia e para o bem da moral e dos bons costumes, a Folha publicou o depoimento do sr. Angelo Dias, apoiando, aplaudindo e descrevendo detalhes a participação em um bacanal transmitido online ("Websuruba diverte quem mostra e quem vê", Saúde, 28/6). Realmente lamentável.

Rodolpho Vilhena de Moraes (São José dos Campos, SP)

Columnistas

Em tempos do cólera, ler José Simão é um respiro gostoso. Ri muito com a "gafanhogagem" de que fala, a real e a metafórica ("Ueba! Roteirista do Brasil renuncia!", Ilustrada, 27/6). Minha cidade, linda, segundo melhor clima do mundo, não merece personagens tão indecentes justo quando completa 355 anos.

Mariza Bacci Zago (Atibaia, SP)

Quase metade da coluna Mônica Bergamo é ocupada com fotos que "celebridades" postam no Instagram. Qual o ganho do leitor? Qual a utilidade? Cobre falta de assunto?

Renato Claudio Pucci (São Paulo, SP)

Acusado de agressão

É sério que a Folha está dando palco para agressor de esposa se defender ("A arte me salvou", afirma cantor Victor Alves sobre denúncia de ex-mulher", Cotidiano, 27/6)? Sempre engarrafado ver quantas chances são dadas aos homens (sempre bacados, claro) que erram. Patético.

Patrícia Pinto (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

QUE FOI A DITADURA (28 JUN., PÁG. 3) O hoje general da reserva Antônio Carlos Machado Faillace foi identificado incorretamente como Jair Bolsonaro na foto publicada com o texto "Ditadura formou geração de militares que hoje povoam governo Bolsonaro". Leia mais na pág. A7.

